



Chrys Chrystello*

Açores turismo insustentável com estradas de fugir

Estou nos Açores há 21 anos e não recordo ter visto estradas e caminhos agrícolas tão degradados como os de agora. Em especial na ilha de São Miguel onde resido. Evoco o mau (péssimo) estado da estrada transversal entre Vila Franca e a Achada das Furnas, em que deu para recordar um “rally paper” da juventude, com tantos buracos e obstáculos que uma pessoa tinha de desviar. Felizmente, tem pouco movimento e pude ziguezaguear à vontade e chegar inteiro com o carro. Não. Não é culpa das chuvas intensas nem do mau tempo, que sempre ocorre.

Trata-se de desmazelo, desleixo, incúria deste governo. Todas as semanas surgem imagens de uma nova atração turística rumo à Lagoa das Furnas, a 200 m dos cozidos. Isto já não é estrada, é “rali cross”. Convém ser crente e saber rezar. Não se aconselha viajar se tiver amor pelo carro, pelos pneus e pelos amortecedores. O resto que se lixe. Todos os dias uma surpresa nova.

É quase como abrir cada nova comunicação de IRS da AT: vem sempre um brinde-surpresa e fica sempre um buraco. Há anos que se sucedem derrocadas nas Furnas, na Povoação, Água de Pau, Pedras do Galego, Agua Retorta, Ribeira Quente, e tanto outro sítio. Muitos, porém, não têm caminhos alternativos nem caminhos agrícolas (e esses estão quase como o da Lagoa do Congro).

Para as Furnas — Povoação, perdi a conta, nestes 21 anos de Açores, das promessas e dos projetos que nunca saíram do papel. Minto, construíram um desvio de 1,5 km para desviar o tráfego do centro das Furnas. Agora, só falta a parte principal das Furnas até à Lomba do Cavaleiro e à Povoação. Coisa pouca que os projetos arquivados nunca resolveram. Quase como as obras eternas para a Ribeira Quente, que, apesar da promessa de um novo acesso, nem o antigo acabaram.

Há anos que se arrastam problemas de segurança, especialmente nas vertentes e arribas que a atravessam. A situação preocupa especialmente quem utiliza diariamente esta via, incluindo professores, trabalhadores e turistas. Estamos a falar de centenas de pessoas que dependem desta

estrada. O presidente do Governo, José Manuel Bolieiro, afirmou que o projeto anterior não era a solução adequada e que seria apresentado um novo projeto. O Governo Regional anterior considerou o projeto inadequado e prometeu outro estudo, passados tantos anos e com cinco anos deste executivo, mas “ainda não temos nenhuma solução concreta.”

Várias zonas críticas, como a Lomba do Cavaleiro e a do Alcaide, continuam sem condições seguras. Foi apresentada uma petição pela construção da 2.ª fase da Estrada Furnas-Povoação, apelando a uma intervenção urgente, mas parece que ninguém a leu. Em resumo: Lagoa do Congro (São Miguel): Utilizadores e visitantes apontam o acesso como caótico e perigoso, e a aguardar obras urgentes de requalificação. Furnas e Povoação (São Miguel): O troço rodoviário apresenta piso desgastado e instável, além de vegetação excessiva nas margens, o que gera uma forte sensação de insegurança.

Há dias, turistas alertavam na RTP-Açores, então, quando se fala dos acessos ao Congro e de fugir. Sempre foi. Há pouco, a televisão fez uma reportagem: além de a estrada não estar em condições, não há sinalização e o acesso é uma verdadeira desgraça, sendo acessível com segurança apenas a 4x4. Os turistas queixam-se do mau estado do caminho de acesso à Lagoa da Congro, em Vila Franca do Campo, na ilha de S. Miguel. Muitos optam por ir a pé para evitar danos aos automóveis.

Conscientes da importância da preservação do património natural, ambiental e cultural dos Açores, os açorianos não estar a ser ativos protagonistas da sustentabilidade da Região, enquanto as estradas se mantiverem como estão. Não falei do Pico e de Santa Maria, onde estive mais recentemente nos últimos anos, e a degradação era assustadora. Creio que o mesmo se passa em todas as ilhas.

*Jornalista, Membro honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)

Paços do Concelho de Angra do Heroísmo acolhem lançamento de obra póstuma de Norberto Ávila

A Presidente da Câmara Municipal, Fátima Amorim, marcou presença, no dia 9 de Setembro, no lançamento do livro “Nevoeiro e outros contos”, edição póstuma de Norberto Ávila, que decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo.

Esta obra, editada pela Companhia das Ilhas, foi coordenada por Paulo Enes da Silveira, tendo a apresentação ficado a cargo de Luiz Fagundes Duarte, e conta com uma breve Nota de Abertura, de Álvaro Oliveira.

Tematicamente, estes contos dispersam-se por espaços geográficos diversos, mas em tempos quase simultâneos. “Complexos na narrativa, os irmãos gémeos naturais de Santa Comba Dão têm Salazar como sombra negativa da Guerra Colonial, com as suas madrinhas de guerra. Numa história dramática, cheia de afectos, Norberto Ávila inventa a festa de Natal na Terceira à moda da América. Misteriosos são os crimes e as mortes preparados ao estilo policial. São histórias com finais imprevisíveis, devido à má visibilidade provocada pelo nevoeiro, numa narrativa situada na Ilha de S. Jorge, sua

“pátria” de adopção e musa dos seus escritos”, lê-se numa nota presente no site oficial da autarquia.

A sessão decorreu precisamente na data que assinala os 90 anos do nascimento de Norberto Ávila, 9 de Setembro, ocasião em que foi possível conhecer alguns dos seus poemas, lidos por Teresa Machado e Belarmino Ramos, assim como assistir à interpretação de um dos seus contos, também por Belarmino Ramos e Teresa Machado. A sessão contou ainda com a representação de três personagens pelo Grupo de Teatro Alpendre: Filomena Ferreira, Natal Machado e Patrícia Ferreira.

Durante a sessão, esteve em exposição a Mala de Viagem EXPO-BIBLIO de Norberto Ávila, com uma mostra de objectos pessoais e livros para consulta.

Norberto Ávila foi um dramaturgo, romancista, contista e poeta português, nascido em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965, frequentou, em Paris, a Universidade do Teatro das Nações. Criou e dirigiu a revista Teatro em Movimento (Lisboa, 1973-75). Che-



Foto©Facebook da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

fou, durante quatro anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de se dedicar mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu importantes obras. Dirigiu para a RTP (1.º Canal), a partir de Novembro de 1981, uma série de programas quinzenais dedicados à actividade teatral portuguesa — Fila

1. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algun Teatro* (20 peças em quatro volumes, Imprensa Nacional-Casa da Moeda), têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.